

CAPÍTULO 12

AS VÁRIAS FACES DA VIOLÊNCIA

MARILUCE VIEIRA CHAVES
MARCOS CORRÊA DE BRITTO

DOI: doi.org/10.24328/2021/92908.00/12

O crescimento da população idosa avança mais rápido do que a desconstrução de alguns mitos e estereótipos dessa fase da vida. O direito de envelhecer com a garantia de preservar sua identidade de gênero e gozar de sua sexualidade com liberdade, dignidade e respeito ainda é um tabu. O objetivo deste capítulo será apresentar os desafios próprios do envelhecimento em uma sociedade que prioriza a performance e fetichiza a jovialidade, mas que não afetam a todos na mesma dimensão. Para a população LGBTI+, esses desafios se tornam verdadeiras barreiras que silenciam as dores, excluem do convívio social e do acesso a serviços essenciais, apagam preciosos bens memoriais e, não raro, produzem a necessidade de recusa da identidade e da sexualidade. A negação da velhice e as questões que envolvem a identidade de gênero e orientação sexual são bastante comuns na vida das pessoas idosas LGBTI+.

Compreender o perfil desses indivíduos requer pensar no envelhecimento a partir de diferentes experiências, costumes, identidades e saberes, frente a dificuldades e conflitos. Por isso, é de suma importância refletir sobre a velhice LGBTI+, tirando-a da invisibilidade que lhe é socialmente imposta, para que haja a elaboração de políticas públicas que viabilizem, não apenas a melhora da qualidade de vida dessa população, mas o acesso aos serviços mais básicos para se viver de forma digna. Há estudos que demonstram o quanto o preconceito perpetua a invisibilidade das pessoas idosas LGBTI+ em diferentes esferas da sociedade, inclusive nos serviços de saúde, o que pode provocar a redução da longevidade e da qualidade de vida. Podem se sentir constrangidos ou discriminados, por exemplo, nos serviços de saúde¹.

No Brasil, a despeito de poucas iniciativas governamentais de mapeamento desta população, é possível notar que as segregações se aprofundam ainda mais quando agregados outros marcadores

¹ Veja o capítulo 8: “Acesso à saúde”

sociais², como a cor da pele, a não-conformidade com o gênero/sexo biológico, a classe e o HIV³. Não há dados específicos sobre a violência contra pessoas LGBTI+ na terceira idade, mas, de acordo com dados do Disque 100 (serviço especializado em denúncias sobre violações dos direitos humanos), em 2018 houve um aumento de 13% no número de denúncias de violência contra idosos no Brasil em relação ao ano anterior. Soma-se a isso o fato de que o Atlas da Violência 2020, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), reforça a convicção de que violência sofrida pela comunidade LGBTI+ é, de fato, um fenômeno social do nosso tempo. Considerados apenas os dados do Disque 100, as denúncias de homicídios contra esse grupo cresceram em média 61% ao ano entre 2011 e 2018, sendo importante destacar a alta possibilidade de subnotificações, já que há uma grande lacuna de informações sobre esses grupos minoritários, problema crônico que impossibilita traçar um panorama real em âmbito nacional.

De acordo com um levantamento chamado “Homofobia do Estado” realizado pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais, 46% dos homens gays acima de 45 anos vivem sozinhos e, entre as lésbicas, o percentual alcança 36%. A solidão tem um enorme impacto negativo no bem-estar, e quanto mais vulnerável o círculo de relacionamentos de uma pessoa, pior. Na falta de cônjuges e filhos, essa rede de proteção diminui e mesmo o número de potenciais cuidadores é afetado, ainda mais se o indivíduo se afastou do seu núcleo familiar. A mesma pesquisa mostra que os adultos LGBTI+ se preocupam de não ter apoio de amigos e familiares ao envelhecer. Um outro estudo, do Williams Institute, ligado à Universidade da Califórnia, relatou que quase 60% de idosos homossexuais se ressentem da falta de com-

² Veja o capítulo 13: “Pessoas idosas negras LGBTI+: uma interseccionalidade de raça, gênero e idade marcada por inequidades e discriminações”

³ Veja o capítulo 19: “Sorafobia e estigma”

panhia e 50% se sentem isolados. Ainda não há um amplo levantamento de dados sobre o assunto no Brasil, mas pelo alto índice de violência contra a população LGBTI+ registrado no país é possível perceber a vulnerabilidade social dessa comunidade.

A solidão originada a partir da ausência dos laços de sangue é potencializada em momentos de maior fragilidade, necessidade e dependência⁴. Como muitos desses indivíduos viveram contextos de violência estrutural, cerceados pela heteronormatividade ao longo da vida, não é incomum que o apoio social deles seja feito por pessoas com quem não apresentam relações consanguíneas. Essas famílias podem ser representadas por um amigo, um companheiro, um vizinho ou até mesmo por um líder religioso ou comunitário.

Mesmo os que possuem algum tipo de vínculo com a família não estão livres da violência doméstica. As novas regras de convívio e isolamento estabelecidas pela pandemia de COVID-19 revelaram que estar em casa com a família nem sempre é sinônimo de segurança para o público LGBTI+. O preconceito é reproduzido entre os próprios familiares, o que cria um ambiente hostil e de rejeição. De acordo com o levantamento de casos de violência em pessoas LGBTI+ atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), 61% das notificações foram relacionadas a agressões sofridas dentro da própria casa entre 2015 e 2017.

O relatório *Stonewall, Lesbian, Gay & Bisexual People In Later Life* descobriu que, na ausência de parceiros e apoio familiar, pessoas idosas LGBTI+ têm quase duas vezes mais probabilidade do que heterossexuais de necessitar de serviços de assistência médica, habitação, assistência e ajuda domiciliar. No entanto, três em cada cinco também acham que os provedores desses serviços não são capazes de entender e atender às suas demandas. Assim como alguns se assumem ao entrar na velhice, outros se obrigam a “voltar para o armário” para poderem frequentar alguma instituição de

⁴ Veja o capítulo 11: “Desafios para o cuidado às pessoas LGBTI+ com dependência”

longa permanência, locais onde a questão da sexualidade pode ser “apagada” ou discriminada. Essas situações, muitas vezes, acontecem porque a maioria desses indivíduos não declara sua identidade de gênero e/ou orientação sexual, e as instituições raramente fazem um esforço para descobrir quem eles são a fim de preparar funcionários e residentes para um convívio harmonioso.

A velhice LGBTI+ é uma conquista de anos de luta, em que a militância foi fundamental para a redução da homofobia e na reivindicação por direitos. Grande parte das pessoas LGBTI+ mais velhas viveram sua juventude sob a tensão de uma perseguição. Alguns sofreram prisões, ataques violentos ou assédios por parte de vizinhos. Outros experimentaram o trauma de serem rejeitados por suas famílias, tratamento psiquiátrico para “curar” sua sexualidade e a angústia de parceiros ou amigos sendo espancados ou, até mesmo, cometendo suicídio. Alguns perderam o emprego ou foram despejados de suas acomodações na época em que a discriminação contra eles era o padrão e tinha respaldo legal.

Os múltiplos estresses vividos por esse grupo deixam marcas físicas e emocionais. Ainda no relatório *Stonewall, Lesbian, Gay & Bisexual People In Later Life* foi apontado que LGBTI+ mais velhos são mais propensos à ansiedade e à depressão do que heterossexuais⁵. No Brasil a situação da população trans é ainda mais delicada, já que o levantamento anual feito pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) revelou que a expectativa de vida dessas pessoas é estimada em apenas 35 anos (metade da média nacional), o que compromete o próprio direito fundamental à vida.

Nesse contexto, o documento *Cadernos de Atenção Básica* produzido pelo Ministério da Saúde aponta que

a violência contra idosos se manifesta nas formas: estrutural, que ocorre pela desigualdade social e é naturalizada nas

⁵ Veja o capítulo 10: “Saúde Mental: sofrimento psíquico e atores contextuais”

expressões da pobreza, da miséria e da discriminação; interpessoal que se refere nas relações cotidianas; e institucional, que se reflete na aplicação ou omissão da gestão das políticas sociais e pelas instituições de assistência (BRASIL, 2006, p.44).

O documento alerta para os diferentes tipos de violência, que vão de física, sexual e psicológica à institucional, abandono/negligência e autonegligência. A invisibilidade das questões que envolvem gênero, sexualidade e outros aspectos tornam a comunidade LGBTI+ mais vulnerável e exposta ao preconceito, discriminação e a muitas dessas manifestações de violência.

A violência física já é uma realidade antiga para os LGBTI+ brasileiros, visto que há 12 anos nosso país lidera o ranking de mais violento para LGBTI+. O relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em 2020 informou que 329 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homofobia em 2019. Foram 297 homicídios e 32 suicídios, sendo 1 morte a cada 26 horas.

A violência psicológica também é comumente aplicada à comunidade LGBTI+. Ela se refere a toda ação ou omissão (agressões verbais ou gestuais) que causa ou visa a causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa idosa. Os exemplos desse tipo de violência dirigidos à população LGBTI+ podem ser observados em diferentes esferas da sociedade, que inclui

insultos constantes, terror, humilhação, desvalorização, chantagem, isolamento de amigos e familiares, ridicularização, rechaço, manipulação afetiva, exploração, ameaças, privação arbitrária da liberdade (impedimento de trabalhar, cuidar da aparência pessoal) (BRASIL, 2006, p.45).

Por fim, vale reforçar a violência institucional que é exercida pelos próprios serviços públicos, por ação ou omissão, muitas ve-

zes, causadas por etarismo⁶ ou despreparo dos profissionais para lidar com esse público. Por isso, o material do Ministério da Saúde alerta para o papel fundamental dos profissionais de saúde na interrupção desse ciclo, tornando-se mais alertas à detecção de sinais e sintomas que possam denunciar tais situações.

O estado atual do envelhecimento LGBTI+ demonstra que a sociedade está crescendo, mesmo diante da precariedade de ações em saúde voltadas para esse público e da presença de um senso-comum com valores conservadores.

É importante que esses indivíduos tenham, ao seu dispor, políticas assistenciais e de saúde voltadas às suas especificidades, pois mesmo que o envelhecimento seja comum a todas as pessoas, a subjetividade diferencia cada sujeito. Estado, instituições e sociedade devem assumir a responsabilidade pelo conhecimento sobre esses fenômenos para que políticas públicas sejam implementadas e que a comunidade LGBTI+ tenha direito a uma velhice digna e humanizada.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRANSEXUAIS E INTERSEXUAIS (ILGA). **Homofobia do Estado – 2018**. Disponível em: https://ilga.org/downloads/ILGA_State_Sponsored_Homophobia_2013_portuguese.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO BRASIL (ANTRA) E INSTITUTO BRASILEIRO TRANS DE EDUCAÇÃO (IBTE). **Dossiê Assassinatos e Violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

⁶ Veja o capítulo 5: “Etarismos e a diversidade sexual e de gênero”

- GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). **Relatórios Anuais de mortes LGBTI+**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/> . Acesso em: 10 maio 2021.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Violência 2020**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 10 de mai. de 2021.
- THE WILLIAMS INSTITUTE – UCLA SCHOOL OF LAW. **LGBT Aging**: A Review of Research Findings, Needs, and Policy Implications – 2016. Disponível em: <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/wp-content/uploads/LGBT-Aging-Aug-2016.pdf> . Acesso em: 10 de mai. de 2021.
- PETTER TATCHELL FOUNDATION. **Double whammy**: Old age and homofobia. Disponível em: <https://www.petertatchellfoundation.org/double-whammy-old-age-and-homophobia/>. Acesso em: 10 de mai. De 2021.